

Guerra no governo

A discussão em torno do superávit primário colocou os ministros Antonio Palocci (Fazenda) e Dilma Rousseff (Casa Civil) em pé de guerra no ano passado. Palocci perseguia internamente um superávit primário de 5%. Por outro lado, Dilma tentou convencer o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que o país precisava gastar mais para crescer acima dos níveis medíocres dos últimos anos. Para ela, a meta de 4,25% era mais que suficiente para manter a relação dívida e PIB em queda. Na avaliação da ministra, não adianta apertar os cintos demais quando se tem a maior taxa de juros do mundo. "É como enxugar gelo", disse para reforçar o discurso contra um ajuste ainda maior das contas públicas.

As declarações da ministra provocaram um grande mal-estar no governo a ponto de Palocci colocar o seu cargo à disposição de Lula em pelo menos três oportunidades. O ministro da Fazenda não admitia que os debates internos do governo em torno de uma proposta de ajuste fiscal de longo prazo fossem desqualificados publicamente pela ministra da Casa Civil. Dilma taxou a proposta de rudimentar. Palocci, que já estava na mira da CPI dos Correios devido a acusações de corrupção durante sua gestão como prefeito em Ribeirão Preto, ficou muito fragilizado. Sobretudo, porque o presidente Lula demorou a se pronunciar a favor do ministro e não desautorizou a ministra Dilma.

O que mais irrita Dilma e seus aliados é de que o arrocho fiscal sem precedentes pode comprometer as chances de o presidente Lula se reeleger neste ano. E esse aperto deve se manter apesar de o Brasil ter saído das garras do Fundo Monetário Internacional (FMI), com o qual liquidou antecipadamente toda a sua dívida de US\$ 15,5 bilhões no final do ano passado. (ES)